

TECENDO APRENDIZAGENS: ESTRATÉGIAS PARA POTENCIALIZAR A APRENDIZAGEM EM MATEMÁTICA

Renata Aparecida da Silva

rasjuara@gmail.com

Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso

Maria Bezerra Tejada Santos

rmktejada@gmail.com

Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso

Resumo

Este relato apresenta uma experiência vivenciada em 2018 na escola estadual “Luiza Nunes Bezerra” localizada no município de Juara - Mato Grosso, com alunos do 2º ano dos anos iniciais do Ensino Fundamental, na disciplina de matemática. O objetivo da proposta “visitações entre salas” foi proporcionar um espaço de integração nas aulas de matemática, baseado na partilha de experiências entre os estudantes para adquirir novos conhecimentos, sendo protagonistas do processo de ensino aprendizagem, desenvolvendo sua responsabilidade diante das situações de aprendizado. As atividades desenvolvidas contemplaram as unidades temáticas “Números, Geometria, Grandezas e medidas, Álgebra e Probabilidade e estatística”, previstos na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), sendo possível elaborar as intervenções pedagógicas necessárias para desenvolver os conteúdos de acordo com a necessidade de cada estudante. Concluímos que a proposta foi uma ação de mão dupla na qual o educando é o protagonista de seu processo de aprendizagem, tendo o educador como mediador deste processo.

Palavras-chave: Aprendizagem em matemática; Planejamento; Interação

Introdução

O presente trabalho apresenta a proposta da atividade de “visitações entre salas” que tem por objetivo proporcionar um espaço de integração, no qual os educandos partilharam suas experiências, adquirindo novos conhecimentos, sendo o protagonista do processo de ensino aprendizagem, desenvolvendo assim sua autonomia e responsabilidade diante das situações de aprendizado.

A proposta foi desenvolvida em uma turma de 2º ano do Ensino Fundamental, durante o segundo semestre de 2018, juntamente com as turmas do 2º ano B, 3º ano A e B, na escola estadual “Luiza Nunes Bezerra” localizada no município de Juara - Mato Grosso, que também contou com a participação nas visitas dos educandos das turmas do 1º ano A e B.

As atividades desenvolvidas na proposta contemplou os objetivos de aprendizagens e habilidades previstos nos documentos oficiais (Siguca-MT; Base Nacional Comum Curricular – BNCC; Documento de Referência Curricular para Mato Grosso e do Programa Mais Alfabetização-PMALFA), em que os conteúdos trabalhados foram: Divisão em partes iguais; Sólidos geométricos, Formas geométricas planas, Grandezas e medidas, assim, primeiro foi realizado um diagnóstico com os educandos para mapear os objetivos e habilidades de aprendizagem que necessitavam ser potencializados. Além de todas as atividades que o professor trabalhou em sala de aula, para o dia das visitas cada turma ficou responsável por

apresentar/expor um objeto de conhecimento para interagir com os visitantes. O dia das “visitações entre salas” contou com um cronograma com dia e horário marcados.

A proposta “visitações entre salas” proporcionou ir além da sala de aula, ou seja, foi um momento de partilha de experiências e aprendizados que oportunizou aos educandos adquirir novos conhecimentos, de forma interativa, desenvolvendo as habilidades socioemocionais através de situações de enfrentamento com o outro, estando o educando no papel de protagonista e corresponsável pela sua aprendizagem.

REFLEXÕES SOBRE A EXPERIÊNCIA VIVENCIADA: O planejamento

Como educadora dos anos iniciais do Ensino Fundamental na escola estadual “Luiza Nunes Bezerra”, localizada no município de Juara - Mato Grosso, na qual atuo há 9 anos, preocupo-me com a questão de como envolver o educando diretamente no processo de aprendizagem tendo-o como protagonista de seu saber. Sempre defendo que além da necessidade do educando ter uma aprendizagem significativa, é preciso que saiba por que produzir; para quem produzir e onde está produção irá circular, compreendendo desta forma os impactos no desenvolvimento da subjetividade do educando, isto é, seu mundo interno que é composto por emoções, sentimentos e pensamentos, pois, a criança tem que ser levada a aprender com compreensão, sabendo o porquê daquilo que fazem, e não simplesmente mecanizando procedimentos e regras.

Observo o ambiente da minha sala de aula, e percebo que quando fazemos trabalhos como: murais, teatro, apresentação de música etc.; muitas vezes os educandos têm a preocupação referente ao que as outras turmas irão achar de seus trabalhos. Sendo assim, como potencializar estas ações no contexto escolar?

Diante do cenário exposto, compreendo, em conformidade com autores como Alves (1994), Freire (1996), Luckesi (2002), Machado (2003) e Moreira (1982), que a aprendizagem significativa é duradoura, tendo como função necessária a interpretação, a informação e avaliação, e a proposta de ter o educando como protagonista, favorecerá o aprendizado, possibilitando explorar melhor as dificuldades e facilidades de cada estudante, assim teremos um ambiente mais compreensivo e colaborativo.

Neste contexto, o planejamento é fundamental para o desenvolvimento das práticas e intervenções pedagógicas, assim, realizamos o planejamento anual e semanal coletivamente com os pares e em alguns casos com o ciclo, pois, este é o momento no qual preparamos, trocamos ideias, partilhamos sonhos e nos desafiamos a edificar o conhecimento, com alegria e amor, pois “ensinar é um exercício de imortalidade. De alguma forma continuamos a viver naqueles cujos olhos aprenderam a ver o mundo pela magia da nossa palavra. O professor, assim, não morre jamais” (Alves, 1994, p.4).

Desta forma, ensinar tem que ser um ato prazeroso para os dois atores/sujeitos envolvidos neste processo, já que esta ação se caracteriza em dar asas ao pensamento, dar vida ao sentimento, deixando eclodir as sementes da criatividade, desvendando o mundo sem sair fisicamente do lugar oportunizando ao educando ser o protagonista de todo este caminhar.

Nesta perspectiva, no ano letivo de 2018, teríamos a segunda edição da Gincana de Matemática, projeto que a escola desenvolve, cujo objetivo é potencializar as aulas de

matemática de modo que os educandos participem ativamente construindo seus conhecimentos de forma divertida por meio de competições interclasse. As disputas desta gincana é promovida utilizando-se o giroflex (perguntas e respostas) e circuitos de atividades, assim, pensamos em estratégias que favorecessem a aprendizagem significativa que segundo Ausubel apud Moreira (1982, p.7) “é um processo pelo qual uma nova informação se relaciona com um aspecto relevante da estrutura de conhecimento do indivíduo”, isto é, a aprendizagem não ocorre de forma mecânica, na qual o conhecimento é acomodado de modo arbitrário na mente do indivíduo, mas sim atribuindo significados que sempre tem elementos pessoais.

Portanto, nasce a ideia de “visitação entre salas”, ganhando vida, roteiro e muita aprendizagem, oportunizando ao educando ser o protagonista central de todo este processo com autonomia e responsabilidade. Assim, cada turma, desafiavam-se a compartilhar com os outros colegas uma parte do grande mundo descoberto que é o letramento matemático aqui concebido como “aquisição de aptidões para o uso de sistemas notacionais escritos para a prática da integração de significados da Matemática na linguagem” (Machado, 2003, p. 148).

Nesta perspectiva, cada turma, após os preparativos da seleção dos conteúdos, materiais, preparação da fala pública, formação de grupos para receber os visitantes e da aplicação em sala de aula, inicia o percurso prazeroso das visitas, sendo escalado dia e horário para cada turma, tendo os educadores regentes como monitores.

Considerando esse contexto, os educandos como protagonistas das cenas, explanavam seus conhecimentos que se multiplicavam nos olhares atentos dos colegas que interagiam nas divisões em partes iguais, na visita dos instrumentos de medidas, na percepção tátil dos sólidos geométricos, na sequência de formas geométricas planas e observação da maquete mostrando o tratamento da água e a coleta de lixo.

Ressaltamos que todo conteúdo trabalhado (Divisão em partes iguais; Sólidos geométricos; Formas geométricas planas; Grandezas e medidas) está de acordo com o alinhamento que nós educadores fizemos com base nos objetivos de aprendizagem do Ensino Fundamental de Mato Grosso, inserido no sistema integrado de gestão educacional (Sgeduca), no disposto na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e no Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (Pnaic). A finalidade desta articulação é a de impactar qualitativamente na aprendizagem dos educandos.

É interessante destacarmos o momento das visitas, pois, em cada rostinho, em cada sorriso, via-se nitidamente a euforia que os educandos demonstravam nas ações desenvolvidas, com comprometimento em explicar na linguagem deles o que estavam fazendo e o que os colegas podiam reter na memória sobre as pautas de cada turma. O respeito aos turnos de fala, o brilho no olhar de cada espectador, a interação nos questionamentos, ou apenas no comparar aquela atividade a uma outra trabalhada em sala, ou vivenciada em casa, demonstram que a aprendizagem foi significativa, ou como nos coloca Freire (1996, p. 24) “aprender precedeu ensinar, em outras palavras, ensinar se diluía na experiência realmente fundante de aprender”, os educandos apropriaram-se dos mecanismos utilizados nessa ação de visita entre salas, na qual também participaram apenas como visitantes os educandos do 1º ano.

Objetivo da aula e competência desenvolvida

Ao iniciar o trabalho com a turma do 2º ano em 2018, procurei realizar atividades diversificadas que instigavam os educandos a participarem oralmente e na prática, sempre

respeitando os turnos de fala e sua vez de interagir. Entre as atividades desenvolvidas em sala acerca da divisão em partes iguais, Sólidos geométricos, Formas geométricas planas, Grandezas e medidas, procurei primeiro realizar um diagnóstico com os educandos para mapear os objetivos e habilidades de aprendizagem que necessitavam ser potencializados.

Além dos objetivos de aprendizagens do Sigeduca, das habilidades da BNCC também tivemos o Programa Mais Alfabetização (PMALFA) criado pela Portaria nº 142, de 22 de fevereiro de 2018, cujo objetivo é fortalecer e apoiar as unidades escolares no processo de alfabetização dos estudantes regularmente matriculados no 1º ano e no 2º ano do ensino fundamental, que nos trouxe em sua matriz de referência os descritores e habilidades de aprendizagem. Assim, com todo este suporte me dando subsídios consegui identificar, alinhar e elaborar a seguinte escala:

- Divisão em partes iguais: (Sigeduca) 101. Resolve e elabora problemas envolvendo ideias multiplicativas (adição de parcelas iguais, elementos apresentados em disposição retangular, dobro e metade) em linguagem oral, com o suporte de imagens ou materiais de manipulação. (EF02MA08) Resolver e elaborar problemas envolvendo dobro, metade, triplo e terça parte, com o suporte de imagens ou material manipulável, utilizando estratégias pessoais. (PMALFA):D11.Utilizar números naturais, envolvendo o significado multiplicação ou da divisão, na resolução de problemas.
- Sólidos geométricos: (Sigeduca) 105. Reconhece as representações de figuras geométricas espaciais, relacionando-as com objetos do mundo físico. (EF02MA14) Reconhecer, nomear e comparar figuras geométricas espaciais (cubo, paralelepípedo ou bloco retangular, pirâmide, cone, cilindro e esfera), relacionando-as com objetos do mundo físico. (PMALFA)D12.Identificar representações de figuras tridimensionais.
- Formas geométricas planas: (Sigeduca) 104. Descreve, compara, nomeia e classifica figuras planas (círculo, triângulo, quadrado, retângulo), etc. (EF02MA15) Reconhecer, comparar e nomear figuras planas (círculo, quadrado, retângulo e triângulo), por meio de características comuns, em desenhos apresentados em diferentes disposições ou em sólidos geométricos. (PMALFA)D13.Identificar representações de figuras bidimensionais.
- Grandezas e medidas: (Sigeduca) 106. Identifica instrumentos utilizados para medir determinadas grandezas (massa, comprimento, capacidade, tempo e temperatura). (EF02MA16) Estimar, medir e comparar comprimentos de lados de salas (incluindo contorno) e de polígonos, utilizando unidades de medida não padronizadas e padronizadas (metro, centímetro e milímetro) e instrumentos adequados. (PMALFA) D17.Identificar instrumentos utilizados para medir determinadas grandezas (comprimento, capacidade e massa).

Com base neste alinhamento foi possível elaborar as intervenções pedagógicas necessárias para desenvolver os conteúdos de acordo com a necessidade de cada estudante. No contexto da sala de aula, pressuponho ser fundamental trabalhar entre os pares de igual para igual, assim promove-se a noção de convivência, de lidar com o outro, sabendo a hora de falar ou de agir, desenvolvendo estabilidade emocional, autonomia, resiliência e solidariedade para com o próximo. Como na turma há alguns conflitos comportamentais é necessário intervir por meio das habilidades socioemocionais como a empatia e o respeito.

O objetivo principal do trabalho da “visitação entre salas” foi contribuir com a aprendizagem significativa, na qual o educando é o protagonista de seu processo de

aprendizagem, tendo o educador como mediador deste processo, que irá instigar o educando a ir em busca de novos horizontes, ou seja, há uma constante relação de troca entre o educando com o educador, sendo assim, uma ação de mão dupla na qual ambos aprendem e se desenvolvem.

Metodologia ativa utilizada e sua justificativa

O desenvolvimento das atividades propostas em torno das visitas entre salas ocorreu durante o segundo semestre do ano letivo de 2018. As atividades foram organizadas semanalmente, como por exemplo, para dividir em partes iguais utilizamos atividades impressas com situações problema ou com divisões básicas sempre voltada para a divisão em partes iguais, atividades desenvolvidas no caderno e usando balas, tampinhas de pet, pregadores de roupa, palitos de picolé e copos descartáveis, no qual dividimos a sala em cinco grupos com cinco educandos em cada grupo. Inicialmente dava-se a situação problema e em seguida a resolução era feita utilizando-se a divisão das balas em partes iguais, o registro era realizado na lousa por cada grupo.

Para trabalharmos as formas geométricas planas e os Sólidos geométricos, fizemos a identificação das figuras por meio do material concreto, atividades práticas no caderno, desenho e montagem das figuras, identificação das figuras geométricas planas nas obras de Tarsila do Amaral (em grupo e com o apoio do projetor de imagem, os estudantes projetaram, desenharam e pintaram com tinta guache a obra Abaporu na cartolina) e o reconhecimento tátil, no qual os olhos dos educandos eram vedados e os mesmos colocavam a mão em uma caixa e retirava a forma ou sólido geométrico para poder identificá-lo, e sequência das figuras feitas com pintura das figuras ou apenas colocar a peças na ordem da designação.

Com relação ao eixo Grandeza e Medidas, trabalhamos medidas de massa: grama e quilograma; medida de comprimento: o centímetro e o metro; medidas de capacidade: o litro; medida de tempo: horas e minutos, dias, meses e ano. Também foram realizadas atividades práticas nas quais os educandos trouxeram de casa alguns instrumentos de medidas, tais como: metro, fita métrica e copos de medidas, os demais instrumentos providenciei, tendo assim, um recipiente para cada medida. Realizei os registros em meu caderno de campo e através de fotografias. As rodas de conversa ocorreriam no mesmo dia ou no seguinte, conforme terminávamos as atividades e neste momento o educando dialogava sobre o que aprendeu e o que não conseguiu entender, demonstrando autonomia sobre o objeto de aprendizagem, assim, com meu auxílio, toda esta vivência é conduzida para a construção de um novo conhecimento, no qual “o professor, além de ensinar, passa a aprender; e o aluno, além de aprender, passa a ensinar” (Freire, 1996).

Após a realização das atividades de sala, passamos para o momento das visitas entre salas. A primeira turma a receber os visitantes fomos nós e observei que com os educandos do 2º ano, as crianças que iriam conduzir as atividades estavam bem tranquilas, mostravam os sólidos geométricos para os visitantes após a percepção tátil e ainda explicavam se rolavam ou não. Quando recebemos os estudantes do 3º ano, notei que a reação foi diferente, eles ficaram mais preocupados com o que falavam, com sua postura e como conduziam a atividade prática. Ao recebermos os estudantes do 1º ano, observei também mudanças na postura, no modo de falar e de conduzir as atividades.

Imagem 1. Percepção tátil.



Tralhando a percepção tátil dos sólidos geométricos no 2ºA ano A. Fonte: Silva (2018)

Logo após a realização das visitas, fizemos uma roda de conversa, na qual colocamos as cadeiras em círculo, possibilitando a todos o contato visual com todos, e neste momento, os educandos expuseram se gostaram ou não da atividade da maneira como foi conduzida. Perguntei a turma quem gostaria de iniciar a fala, expondo o que achou da atividade, do comportamento dos visitantes, e a nota que daria ao 2ºA na realização desta atividade. O educando Caio levantou a mão e ao meu sinal começou seu relato: “gostei da atividade, mas eu estava nervoso porque fiquei com medo de esquecer o que eu tinha que falar”. Vi que os alunos maiores do 3º ano estavam conversando quando nós estávamos explicando e que os alunos do 1º ano estavam bem atentos, queriam ficar mais tempo com a peça na mão e apesar de alguns errarem, quando abriam os olhos reconheciam a peça que estava segurando.”

A educanda Lara relatou: “agora sei como a professora fica quando está explicando e nós estamos conversando, professora foi muito chato quando isso aconteceu, parecia que eles não estavam prestando atenção em nós”. Outros estudantes pontuaram acerca da participação na atividade, que eles queriam ter conduzido a atividade, sobre a questão dos estudantes do 1º ano que eles tiveram que falar diferente com eles por serem menores, e também falaram sobre os educadores que apenas observaram e não falaram nada para eles.

Perguntei a turma, se eles gostariam que tivéssemos mais atividades iguais a esta, ao que todos responderam que sim. Aproveitei este ensejo para explicar a turma que esta avaliação nos auxiliaria para as próximas atividades, que planejamos, executamos e avaliamos, havendo necessidade retomamos com novas estratégias para tentar consolidar o conteúdo, e quanto à postura dos educadores que apenas observaram, não foi porque acharam ruim a atividade, mas sim, para dar aos educandos a oportunidade de serem os protagonistas, críticos e participativos.

Chegou o momento tão esperado pelo 2º ano A, a visita aos colegas das outras turmas. No 2º ano B, a sala estava organizada em duplas, com uma mesa central na qual estavam os materiais para trabalhar a divisão. Os educandos ouviram e participaram das atividades de divisão em partes iguais, utilizando-se as bala e copos descartáveis para fazer a divisão. Os estudantes do 2º B, explicavam como faziam a divisão e ao final chamavam um colega para fazer a divisão, anotavam o algoritmo usual da divisão na lousa e marcavam o resultado. Observei que muitos estudantes do 2º A tentava fazer a conta mentalmente ou contando nos dedos.

Imagem 2: Divisão em partes iguais



2º ano B trabalhando a divisão em partes iguais com balas e copos descartáveis. Fonte: Silva (2018)

Quando fomos a sala do 3ºA, a mesma estava em formato de U e havia uma mesa com vários instrumentos e recipientes de medida, os estudantes nos receberam e convidaram-nos a nos acomodar no chão de frente para a mesa central e iniciaram a explicação para que cada instrumento/recipientes daquele servia, onde usualmente são usados e sempre questionavam se conhecíamos aqueles instrumentos. Um dos estudantes, por exemplo, nos mostrou um copo de medida de capacidade e explicou que em sua casa sua mãe usa este copo para medir a quantidade de leite que vai usar para fazer um bolo. Em seguida, um outro estudante pegou o metro e a trena e nos disse que seu pai é pedreiro e usa esses instrumentos em seu trabalho, quando vai tirar as medidas para fazer uma construção. E assim, conduziram as explicações dos instrumentos de medidas sempre relacionando a sua utilidade, quem usa o instrumento e se tem contato com os mesmos em casa.

Os educandos do 2º A conseguiram fazer esta relação e interagiram falando por exemplo, que a mãe, tia ou avó é costureira e usa a fita métrica, ou que tem um relógio na cozinha de sua casa etc.

Imagem 3: Grandezas e medidas



Alunos do 3º A mostrando e explicando os instrumentos/recipientes de medidas. Fonte: Silva (2018)

A sala do 3º B estava em formato de U, tendo no centro a maquete e a frente da sala uma mesa com as figuras geométricas planas, as quais foram utilizadas para as atividades em relação as sequências padronizadas elaboradas pelos estudantes. Porém, o que mais chamou a atenção das crianças visitantes, foi a maquete sobre o tratamento da água e a coleta de lixo.

Os educandos do 2º A ficaram impressionados com a maquete e quando descobriram que foi um colega que a confeccionou e não o professor, ficaram sensibilizados e elogiaram o colega, que lhes explicava o processo da coleta de lixo na cidade e a importância do tratamento da água para a população.

Imagem 4: Formas geométricas planas



Aluno do 3ºB explicando sobre as figuras geométricas planas. Fonte: Silva (2018)

Imagem 5: Maquete do tratamento de água e coleta de lixo



Visitação do 1º e 2º ano a sala do 3ºB (Maquete do tratamento de água e coleta de lixo). Fonte: Silva (2018)



Educando do 3º ano B explicando como confeccionou a Maquete do tratamento de água e coleta de lixo, e como ocorre este processo no município. Fonte: Silva (2018)

Para potencializar a aprendizagem de cada sala visitada, ao final de cada visita, os educandos relatavam o que tinham aprendido e eu como sua escriba escrevia na lousa para que os educandos pudessem registrar no caderno.

Nesta perspectiva, observo que a atividade prática torna a aula mais interessante e facilita o aprendizado de forma que os educandos aprofundem os conhecimentos do conteúdo teórico fazendo uma ponte com o que já sabem.

E assim, chega o tão esperado dia: “o dia da Gincana da matemática” na qual o 2º ano A iria enfrentar o 2º ano B. Antes de irmos para a competição, orientei-os quanto ao respeito com a outra turma e que o importante neste momento não era apenas ganhar, mais sim conquistar nossos conhecimentos, fortalecer ou fazer novas amizades.

Observei com sorriso no olhar e nos lábios, a alegria deste momento interativo, pois, até o mais tímido dos educandos estava lá se empenhando para conseguir bater e responder no giroflex. Grito de guerra na ponta da língua, palavras de incentivo aos colegas pronto para encorajá-los, frustração quando o colega não conseguiu bater em tempo no giroflex ou quando não conseguiu bater primeiro, mãos se retorcendo nas provas relâmpagos esperando a nota dos jurados, e o mais importante, a aprendizagem ocorrendo de forma lúdica e interativa.

Ao final da Gincana, a turma do 2º B foi a vencedora, mas ambas as equipes se parabenizaram e não ocorreu provocações sobre o ganhador e o perdedor, pois

compreenderam e respeitaram o limite do outro, percebendo que todos eram vencedores só pelo fato de estarem ali participando, trabalhando em grupo para estruturar o raciocínio para a resolução de problemas. Assim, “o objetivo da educação é criar a alegria de pensar” (Alves, 2016), por meio de um ambiente harmonioso e de atividades significativas.

Avaliação da aprendizagem

“Não há docência sem discência, as duas se explicam e seus sujeitos apesar das diferenças que os conotam, não se reduzem à condição de objeto, um do outro”.
(Paulo Freire)

Desta forma, observamos que houve melhoras na proficiência demonstrada nas avaliações internas, nos formulários online e na Avaliação do Programa Mais Alfabetização (PMALFA), que objetiva promover, fortalecer e alicerçar o processo de alfabetização, para fins de leitura, escrita e matemática, dos estudantes no 1º e no 2º ano do Ensino Fundamental. Assim, prevê que para ser considerado alfabetizado em Matemática, o educando deve aprender a comunicar, argumentar, raciocinar, representar e resolver matematicamente problemas em diferentes contextos, utilizando-se de conceitos, de procedimentos e de fatos.

Portanto, as principais habilidades que ficaram evidenciadas com aproveitamento foram: (EF02MA08) Resolver e elaborar problemas envolvendo dobro, metade, triplo e terça parte, com o suporte de imagens ou material manipulável, utilizando estratégias pessoais. (EF02MA14) Reconhecer, nomear e comparar figuras geométricas espaciais (cubo, paralelepípedo ou bloco retangular, pirâmide, cone, cilindro e esfera), relacionando-as com objetos do mundo físico. (EF02MA15) Reconhecer, comparar e nomear figuras planas (círculo, quadrado, retângulo e triângulo), por meio de características comuns, em desenhos apresentados em diferentes disposições ou em sólidos geométricos. (EF02MA16) Estimar, medir e comparar comprimentos de lados de salas (incluindo contorno) e de polígonos, utilizando unidades de medida não padronizadas e padronizadas (metro, centímetro e milímetro) e instrumentos adequados.

A avaliação ocorreu de forma processual e contínua, na qual a observação das habilidades dos estudantes na apresentação das ideias quanto a sua concisão, logicidade, aplicabilidade e pertinência, bem como seu desempenho na descoberta de soluções apropriadas ao problema apresentado e sua postura durante a recepção e das visitas entre salas. Luckesi (2002), destaca que “seja pontual ou contínua, a avaliação só faz sentido quando leva ao desenvolvimento do educando”, isto é, entre linhas, podemos dizer que só vamos avaliar aquilo que foi ensinado, pois, a avaliação não é o ponto final, mais sim o ponto de partida para o educador retomar suas práticas pedagógicas, buscar por meio de pesquisas, respostas e informações para subsidiar o ato de avaliar.

No que se refere as competências socioemocionais, observa-se que o encorajamento e a valentia dos educandos em expor-se no grupo e depois para o público, bem como a capacidade de respeitar os turnos de fala e o mais significativo, ser autor e protagonista das ações, foi o que mais se destacou no grupo. Sabendo que as competências socioemocionais, baseiam-se nas habilidades que podemos aprender, praticar e ensinar, sendo importantes para nossa vida como um todo.

Portanto, pressupomos que quando o educador acredita no potencial de seus educandos e os desafia a expor suas habilidades para seus pares, o educando ativa um mecanismo de autoconfiança e autoestima que é indelével, primordial para desenvolver-se como ser integral, altruísta e pesquisador.

Enfim, a experiência da “visitação entre salas”, oportunizou proporcionar um espaço na sala de aula, no qual os educandos compartilharam suas experiências, adquirindo novos conhecimentos, o que representa o cerne de um trabalho direcionado ao protagonismo na educação, pois, de uma forma geral todos nós temos algo para ensinar e também para aprender, isto é, com o protagonismo, enquanto educador, estaremos dando voz aos educandos, mostrando-lhes que em sua particularidade há uma capacidade de construir.

Resultados

Os resultados da experiência de visitação entre salas foram produtivos e pretendemos dar continuidade com a prática no ano letivo de 2019, sugerindo entre meus pares, que a mesma seja uma prática presente em nosso planejamento anual e diário, não só em matemática, mas também nas demais áreas de conhecimento, pois como sabemos o planejamento é imprescindível no processo de ensino aprendizagem.

Dificuldades encontradas

Toda metodologia quando é nova causa um pouco de incertezas, portanto a dificuldade encontrada nesse processo refere-se tanto em relação ao professor, quanto ao aluno.

Considerações Finais

Acreditamos que a experiência que vivenciamos pode ser fonte de inspiração para outros educadores, contanto que haja planejamento e trabalho coletivo entre seus pares, levando em consideração o educando como protagonista do processo de ensino aprendizagem o que demanda envolvimento do educador na compreensão das especificidades de cada educando, proporcionando a potencialização destas ações para o contexto escolar.

A ausência de um planejamento que englobe todas as atividades, desde o diagnóstico das dificuldades de aprendizagem a execução da visitação, pode comprometer toda a ação em si, pois é a partir da sistematização do diagnóstico que será possível tornar o educando protagonista do processo de aprendizagem.

Este tipo de atividade demanda dedicação e um olhar diferenciado por parte do educador, pois ele terá que visitar quantas vezes for necessário o conteúdo para que o educando se sinta seguro para se expor entre seus pares.

Referências

ALVES, Rubem. A alegria de ensinar. 3 ed. São Paulo: ARS Poética Editora, 1994.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 12ª ed. São Paulo: Cortez, 2002.

MACHADO. A. P. Do significado da escrita da matemática na prática de ensinar e no processo de aprendizagem a partir do discurso de professores. Rio Claro, 2003. 291 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Universidade Estadual Paulista.

<https://blogs.funiber.org/pt/formacao-professores/2016/09/20/funiber-rubem-alves-pensar>.